

# AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA ENTRE OS RIOS TÁVORA E CABRUM. TIPOLOGIAS, IMPLANTAÇÃO E AS LEITURAS POSSÍVEIS DO TERRITÓRIO

CÉSAR GUEDES\*

**Resumo:** *Partindo da análise das sepulturas escavadas na rocha existentes entre os rios Távora e Cabrum, procura-se enquadrar estes monumentos num contexto de dinâmica de ocupação do território durante a Alta Idade Média. Pretende-se relacionar a implantação destes sepulcros e as suas diferentes tipologias com os elementos estruturadores da paisagem: vestígios de habitats, vias, templos e estruturas militares. Procura-se assim observar de que forma elas se articulam ou refletem o período conturbado vivido entre os séculos VIII e XI, quando, durante o processo da Reconquista Cristã, se assistiram a profundas alterações tanto na reorganização territorial como no quadro mental das populações e que culminará numa nova forma de organizar a sociedade: as Terras.*

**Palavras-chave:** *Sepulturas escavadas na rocha; Necrópoles; Povoamento; Alta Idade Média.*

**Abstract:** *In this paper we study the existing rock-cut graves in the south area of the Douro river. These early medieval graves are framed in a context of dynamic occupation and exploitation of the territory. Their landscape positioning is related and compared to the known archaeological sites of habitat, the religious buildings and the military structures. We seek to observe how these funerary monuments reflect or articulate with the profound changes that have taken place in both the territorial reorganization as in the people's mindset. These modifications to the population's modus vivendi are particularly intensive between the 8th and 11th centuries, during the Reconquista, and culminate in a new way of organizing society: the Terras.*

**Keywords:** *Rock-cut graves; Necropolis; Settlement; Early Middle Ages.*

## 1. APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

Entre as diferentes manifestações funerárias da Alta Idade Média, as sepulturas escavadas na rocha constituem um dos vestígios arqueológicos mais abundantes e visíveis. Estes monumentos de configuração antropomórfica ou geométrica encontram-se presentes um pouco por toda a Europa, mas concentram-se sobretudo no sul do continente, em países como Portugal, Espanha, França e Itália, existindo também exemplares em Inglaterra, Grécia e até na setentrional Suécia<sup>2</sup>.

---

\* CITCEM. Email: cesarlguedes@gmail.com.

<sup>1</sup> Os dados e as leituras apresentadas resultam da dissertação de mestrado *A sul do Douro: percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum*, apresentada pelo autor à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2015. GUEDES, 2015.

<sup>2</sup> BOLÒS i MASCLANS, PAGÈS i PARETAS, 1982: 62.

O estudo das sepulturas escavadas na rocha e a análise das questões relacionadas com a sua localização, organização e a tipologia de espaço funerário onde se inserem, revestem-se de particular interesse. A sua análise certamente contribuirá para uma melhor compreensão dos ritmos de desenvolvimento ocorridos entre o mundo romano e tardo-antigo e a implementação do modelo de organização paroquial e da formação das aldeias, com a polarização de espaços cemiteriais em torno dos templos.

A análise da articulação entre as diferentes tipologias de espaços funerários e os locais de *habitat*, os espaços de culto e as estruturas de cariz militar ou defensivo, constitui uma ferramenta útil para o melhor entendimento da evolução da organização política, administrativa e religiosa do território.

Tendo como base estas premissas, procurou-se identificar e inventariar as sepulturas escavadas na rocha existentes na área geográfica situada entre os rios Távora e Cabrum, tentando sempre que possível enquadrar estes monumentos funerários num contexto de dinâmica de ocupação e exploração do território em época alto-medieval. Nesse sentido, a apresentação e descrição dos sepulcros procurou ter em consideração as questões relacionadas com a sua organização na paisagem, as diferentes tipologias e os seus particularismos, bem como a sua orientação. Sempre que possível procurou-se integrar os monumentos num contexto paisagístico, de análise do território, relacionando-os com os sítios arqueológicos de *habitat* conhecidos e/ou vias de comunicação hipoteticamente coevas.



**Fig. 1.**

Panorâmica sobre o vale do rio Douro

Fonte: César Guedes

O estudo das sepulturas abertas na rocha apresenta algumas dificuldades que condicionam os trabalhos de investigação e que podem constituir, à partida, um entrave sobre o esclarecimento destes monumentos e das populações que os construíram e utilizaram.

A ausência quase total de estratigrafia que permita associar estes monumentos a contextos arqueológicos precisos, bem como a ausência de espólio arqueológico e vestígios osteológicos preservados, fruto de destruições/violações e exposição às condições meteorológicas, constituem as principais dificuldades ao estudo das sepulturas rupestres. Estes dois fatores são, *grosso modo*, os principais responsáveis por não se conseguir balizar, com precisão, o âmbito cronológico da construção da sepultura e do seu período de utilização. Uma das formas utilizadas para superar estas dificuldades consiste na procura de paralelos em sítios arqueológicos de outras áreas peninsulares onde, fruto de condicionalismos muito particulares, foram encontradas sepulturas escavadas na rocha intactas e com o seu conteúdo preservado, permitindo a obtenção de datações através de análises radiocarbónicas.

Reconhecendo a importância que os fatores regionais e as especificidades locais imprimem no desenvolvimento ou adoção de novos usos ou costumes, estamos em crer que os resultados das datações radiocarbónicas que ao longo dos anos têm vindo a ser realizadas não se afastarão demasiadamente da realidade vivida na região duriense em estudo.

O estudo e levantamento das sepulturas abertas na rocha por si só não permitem responder à totalidade das questões dos investigadores sobre a Alta Idade Média e as transformações vividas naquela época. Porém, constituem uma ferramenta excepcional para a compreensão da evolução do povoamento e da exploração do território, entreabrindo uma janela para o quadro mental vigente entre as populações.

## 2. A SUL DO DOURO: AS ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

A complexa zona de montanha que se estende na margem sul do rio Douro e engloba os concelhos de Tabuaço, Armamar, Tarouca, Lamego e Resende apresenta um conjunto de 26 estações arqueológicas com 88 sepulturas escavadas na rocha (Mapa 1).

As estações arqueológicas com sepulturas escavadas na rocha identificadas constituem apenas uma amostra do que seria a realidade funerária nesta região durante a Alta Idade Média. As transformações da paisagem promovidas pelos intensos trabalhos agrícolas e pela extração de pedra terão seguramente destruído ou soterrado muitos monumentos. Os numerosos trabalhos de prospeção arqueológica que têm vindo a ser realizados no âmbito de estudos de impacto ambiental e de acompanhamentos arqueológicos da construção de grandes obras, tais como aerogeradores ou linhas de alta e muito alta tensão, permitirão seguramente identificar não só outras sepulturas escavadas na rocha, mas também novos sítios arqueológicos e outros locais de *habitat*.

Os núcleos funerários identificados distribuem-se geograficamente da seguinte forma: no limite leste, correspondendo *grosso modo* ao concelho de Tabuaço, identificaram-se 9 estações com 45 sepulturas. De salientar que a região em torno de

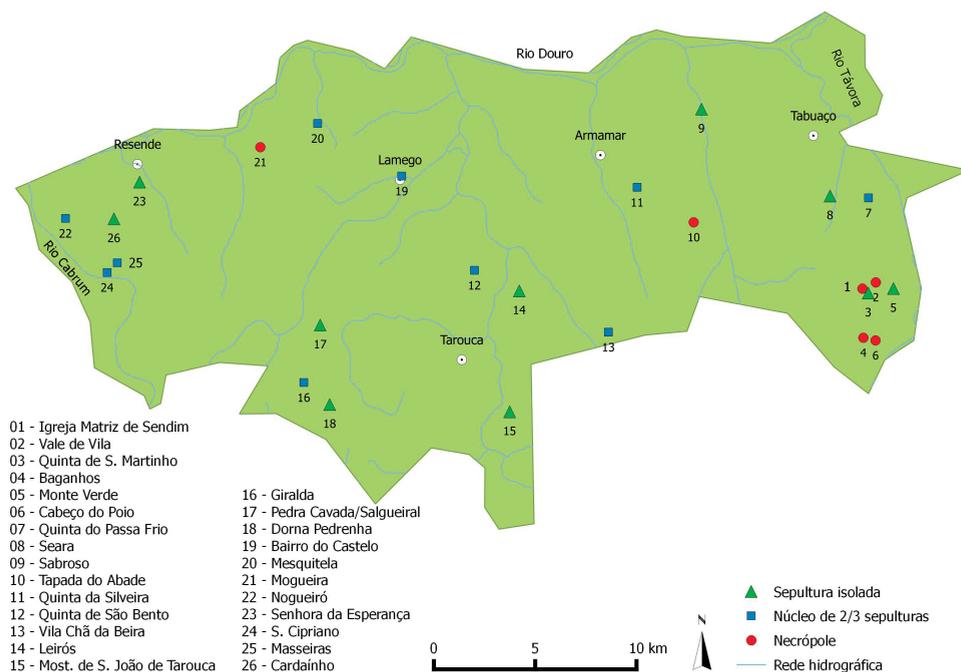
Sendim apresenta uma concentração elevada de necrópoles e sepulturas (6 estações com 40 monumentos), e que as restantes estações deste concelho não se localizam muito afastadas desta zona.

O concelho de Armamar tem apenas dois sítios com sepulturas escavadas na rocha: a necrópole da Tapada do Abade em Goujoim, com 9 sepulturas e a Quinta da Silveira, em Travanca, com 3 monumentos (Mapa 1, Est. n.ºs 10 e 11).

Em Tarouca os espaços cemiteriais distribuem-se por 4 locais com um total de 6 monumentos (Mapa 1, Est. n.ºs 12; 13; 14 e 15).

Em Lamego registou-se uma concentração de sepulturas na área envolvente à povoação de Lazarim, com quatro sepulcros, um de cabeceira dupla (Mapa 1, Est. n.ºs 16, 17 e 18). As intervenções arqueológicas que têm decorrido na cidade de Lamego revelaram a existência de mais duas sepulturas escavadas na rocha no bairro do Castelo (Mapa 1, Est. n.º 19).

A região a oeste da serra das Meadas, inserida no atual concelho de Resende, apresenta uma distribuição de sepulturas escavadas na rocha por 7 locais distintos, perfazendo um total de 19 monumentos. A necrópole da Mogueira, em S. Martinho de Mouros (Mapa 1, Est. n.º 21), é a mais numerosa, com 9 sepulcros.



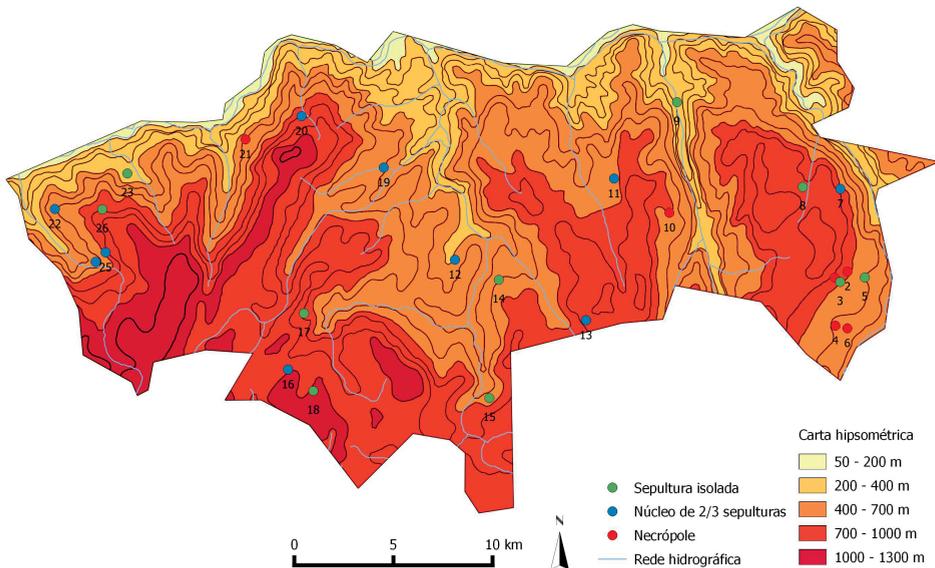
**Mapa 1.** Mapa com a localização dos núcleos funerários identificados

Fonte: César Guedes

Os núcleos funerários distribuem-se pela área de estudo com algumas lacunas, sobretudo nas áreas mais montanhosas como a serra das Meadas, a serra de Santa Helena, os cumes altos de S. Martinho das Chãs ou o maciço planáltico granítico de Chavães, em Tabuaço. O relevo destas áreas, muito montanhoso e com difíceis condições de habitabilidade, por vezes com altitudes acima dos 1000 metros, terá condicionado a fixação de populações e consequentemente a utilização de sepulcros escavados na rocha. De facto, observa-se que a grande maioria das estações se implanta a cotas que variam entre os 400 e os 800 m, havendo, no entanto, algumas sepulturas na área de Lazarim (Lamego) que se implantam a altitudes de 940 e 1000 m (Mapa 1).

A zona geologicamente correspondente ao complexo Xisto-Grauváquico, que em grande parte é coincidente com a região demarcada do vinho do Porto, apresenta apenas uma sepultura escavada na rocha (Mapa 1, Est. n.º 9). Esta quase total ausência de sepulcros poderá relacionar-se com os arroteamentos e a construção dos socacos para o plantio da vinha, que terão seguramente destruído ou ocultado os monumentos. De igual modo se verifica que a transformação da paisagem para plantio de pomares, sobretudo de maçã, nas zonas de Tarouca e Armamar, poderá também ser uma das causas para o reduzido número de estações identificadas nestas áreas.

A localização das estações arqueológicas relaciona-se sobretudo com as bacias hidrográficas dos rios Távora, Têdo, Varosa, Balsemão e Cabrum, implantando-se nas proximidades de linhas de água tributárias dos principais rios.



**Mapa 2.** Mapa com a carta hipsométrica e a localização dos núcleos funerários identificados

Fonte: César Guedes

### 3. AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA

O conjunto sepulcral identificado é constituído por 88 monumentos. A maioria tem planta não antropomórfica, com 49 exemplares desta tipologia, correspondendo a 56% do total de sepulturas. Os túmulos antropomórficos são menos numerosos e constituem 28% do conjunto contando apenas com 25 exemplares. As sepulturas indeterminadas são 14 e correspondem aos restantes 16%.

A maioria dos túmulos foi criada para acolher indivíduos adultos variando as suas dimensões entre o 1,70 e 2 m de comprimento e entre 0,40 e 0,70 m de largura. As sepulturas de indivíduos subadultos são apenas 5 e as suas dimensões variam entre os 0,60 e os 1,14 m de comprimento e 0,26 e os 0,34 m de largura.

#### 3.1. Sepulturas não antropomórficas

As sepulturas não antropomórficas são 49 e dividem-se em três subtipologias: as sepulturas de planta retangular, que contam com 23 exemplares e estão presentes em 7 estações (Est. n.º 2, 4, 7, 8, 10, 13 e 21); os de planta trapezoidal, com 8 sepulcros dispersos por 6 espaços funerários (Est. n.ºs 10, 14, 16, 18, 21 e 24), e as sepulturas de configuração ovalada, cujos 13 exemplares se encontram presentes em 9 sítios (Est.



**Fig. 2.**

Sepultura não antropomórfica de configuração trapezoidal (S. Cipriano, Est. n.º 24)

Fonte: César Guedes

n.ºs 4, 7, 10, 11, 13, 21, 22, 23 e 25). As 5 sepulturas indeterminadas correspondem aos exemplares que não foram localizados em campo e não permitem aferir a sua planta, ou que se encontravam severamente destruídos. O sepulcro da Quinta de S. Martinho (Est. n.º 3) e os dois monumentos de Mesquitela (Est. n.º 20) correspondem aos que não se puderam observar. As sepulturas n.ºs 6 e 7 da Mogueira (Est. n.º 21) são as que se encontram quase totalmente destruídas.

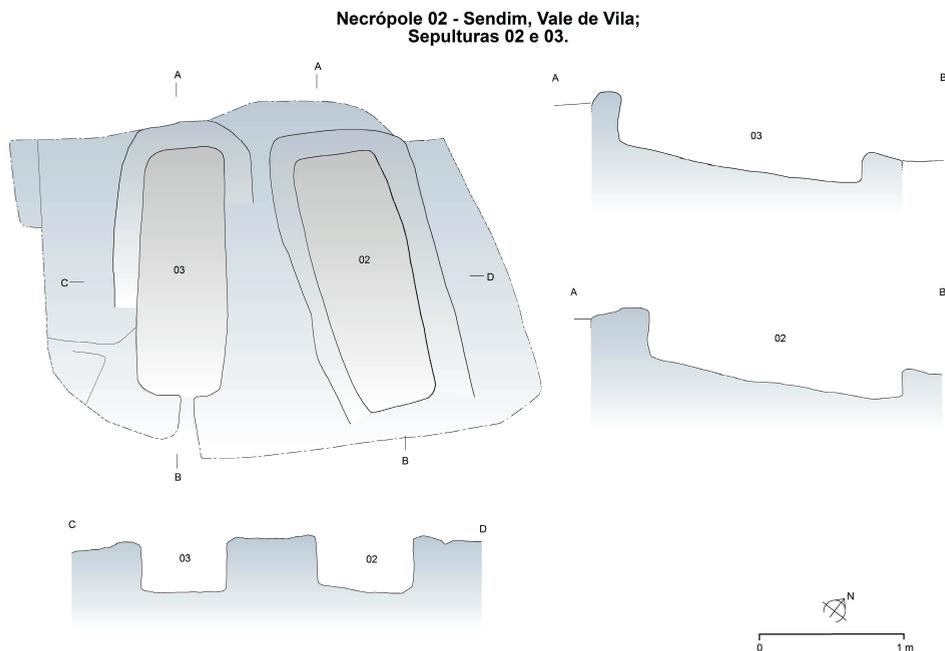
As sepulturas de configuração não antropomórfica estão presentes em diferentes tipologias de espaço funerário. Entre as sepulturas isoladas, contam-se 5 destes monumentos. A sepultura inacabada de Seara, de planta retangular (Est. n.º 8), as sepulturas trapezoidais de Leirós e de Dorna Pedrenha (Est. n.ºs 14 e 18, respetivamente) e a sepultura de Nossa Senhora da Esperança, de planta ovalada (Est. n.º 23). A sepultura da Quinta de S. Martinho (Est. n.º 3), de planta indeterminada integra também esta tipologia de espaço funerário.

Os conjuntos de 2 ou 3 sepulturas são também maioritariamente constituídos por sepulturas de configuração geométrica. Entre os 8 núcleos sepulcrais desta tipologia (Est. n.ºs 7, 11, 13, 16, 20, 22, 24 e 25), verifica-se a existência de 14 sepulturas não antropomórficas. As sepulturas presentes nas estações da Quinta de Passa Frio e em Vila Chã da Beira (Est. n.ºs 7 e 13) são duas e têm planta retangular; os 4 monumentos que se encontram nas estações de Giralda e S. Cipriano (Est. n.ºs 16 e 24) são de configuração trapezoidal e as sepulturas de planta ovalada que integram os núcleos de 2 ou 3 monumentos são 6 e situam-se na Quinta de Passa Frio (2 exemplares), na Quinta da Silveira, em Vila Chã da Beira, Nogueiró e em



**Fig. 3.**  
Sepulturas de planta  
retangular da necró-  
pole de Baganhos  
(Est. n.º 4)

Fonte: César Guedes



**Fig. 4.** Planta das sepulturas 2 e 3 da necrópole de Vale de Vila (Est. n.º 02)

Fonte: Ana Maria Oliveira e César Guedes

Masseiras (Est. n.ºs 7, 11, 13, 22 e 25). As sepulturas de Mesquitela (Est. n.º 20) integram também esta tipologia de espaço funerário, apesar de não terem sido identificadas em campo e a tipologia da sua planta não ser conhecida, apenas se sabe que são de configuração «pouco definida, cantos arredondados, fundo plano»<sup>3</sup> (Sep. 1 e 2 da Est. N.º 20).

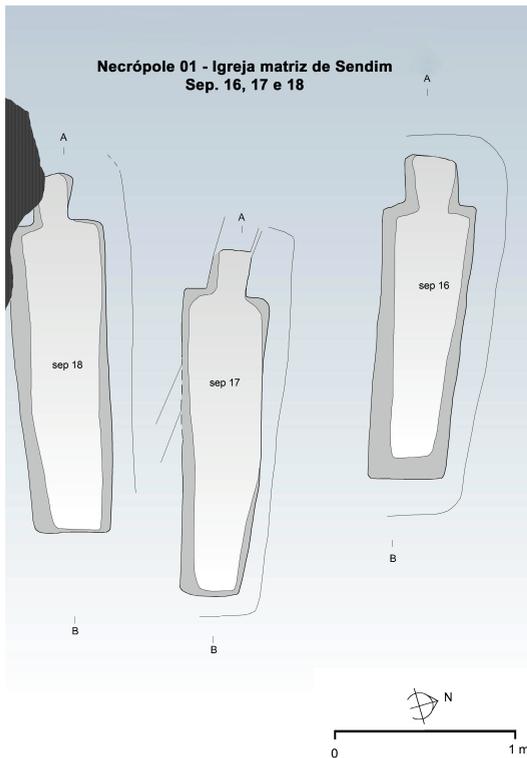
As necrópoles são a tipologia de espaço funerário com maior número de sepulturas não antropomórficas, integrando 30 monumentos em 4 espaços funerários. A necrópole de Vale de Vila (Est. n.º 2) é composta por 8 sepulturas, todas de planta retangular. A estação de Baganhos (Est. n.º 4) é constituída por 3 sepulturas de planta retangular e uma ovalada. Em Goujoim, na necrópole da Tapada do Abade (Est. n.º 10), entre as 8 sepulturas não antropomórficas, 6 têm planta retangular, 1 é ovalada e outra é trapezoidal. A necrópole da Mogueira (Est. n.º 21) é constituída por 9 sepulcros, 4 são de planta ovalada, 2 são retangulares, 1 é trapezoidal e 2, devido ao seu grau de destruição, são de configuração indeterminada.

<sup>3</sup> SILVA, MEDEIROS, CORREIA, 1997: 52-53.

### 3.2. Sepulturas antropomórficas

Os túmulos antropomórficos são representados por 25 exemplares distribuídos por 11 estações. Apresentam maioritariamente planta trapezoidal e as principais diferenças entre estes sepulcros concentram-se sobretudo na zona da cabeceira, onde a solução mais frequente é a que utiliza o arco ultrapassado, logo seguida das cabeceiras retangulares e trapezoidais.

Entre as 25 sepulturas de configuração antropomórfica registadas, constata-se que a maioria apresenta planta trapezoidal, com 8 sepulturas concentradas junto da igreja matriz de Sendim (Est. n.º 1) e 5 exemplares distribuídos pelas estações n.ºs 10; 11; 12; 15 e 25. Os 3 monumentos de planta retangular localizam-se junto da igreja de Sendim (Est. n.º 1) e as sepulturas de planta ovalada distribuem-se por duas localizações com um exemplar cada: a sepultura de Pedra Cavada/Salgueiral (Est. n.º 17) e o sepulcro de Nogueiró (Est. n.º 22). As restantes sepulturas de tipologia antropomórfica são de planta indeterminada e correspondem a 6 exemplares distribuídos pelas estações n.ºs 6, 19 e 26, que não se observaram no terreno, e pela sepultura n.º 13 da igreja matriz de Sendim que se encontrava destruída (Est. n.º 1).



**Fig. 5.** Sepulturas antropomórficas de configuração trapezoidal da Igreja Matriz de Sendim (Est. n.º 1)  
Fonte: Ana Maria Oliveira e César Guedes

A estação n.º 6, Cabeço do Poio, de acordo com as referências bibliográficas seria composta por 4 sepulturas, mas não foi possível confirmar esta informação<sup>4</sup>.

As sepulturas escavadas na rocha de configuração antropomórfica encontram-se presentes nas diferentes tipologias de espaços funerários.

Entre as sepulturas isoladas, três estações são compostas por esta tipologia de sepulcro, o monumento do Mosteiro de S. João de Tarouca (Est. n.º 15), a sepultura de Pedra Cavada/Salgueiral (Est. n.º 17) e a sepultura de Cardáinho (Est. n.º 26), que não foi identificada em campo.

Nos núcleos compostos por 2 ou 3 sepulturas, os monumentos antropomórficos estão presentes em 5 locais, cada um com uma sepultura desta tipologia. Assim encontram-se exemplares na Quinta da Silveira (Est. n.º 11), na Quinta de S. Bento (Est. n.º 12), no Bairro do Castelo (Est. n.º 19), em Nogueiró (Est. n.º 22) e em Masseiras (Est. n.º 25).

A maior concentração de sepulturas desta tipologia encontra-se na necrópole existente junto da igreja matriz de Sendim, com 13 exemplares (Est. n.º 1). As 4 sepulturas da necrópole do Cabeço do Poio (Est. n.º 6), apesar de não terem sido localizadas, constituem a segunda maior concentração destes sepulcros. Na necrópole da Tapada do Abade, constituída, sobretudo, por sepulturas geométricas, observa-se a existência de uma sepultura de configuração antropomórfica (Fig. 11, sep. 8 da Est. n.º 10) e vestígios de lá terem existido outros exemplares de planta similar<sup>5</sup>.



**Fig. 6.**

Perspetiva sobre a  
necrópole da igreja  
matriz de Sendim  
(Est. n.º 1)

Fonte: César Guedes

<sup>4</sup> CORREIA, 2007: 61.

<sup>5</sup> SANTOS, 2011: 12-13.



**Fig. 7.**  
Cabeceira em arco  
ultrapassado da  
sepultura 2 da Quinta  
da Silveira (Est. n.º 11)  
Fonte: César Guedes



**Fig. 8.**  
Cabeceira assimétrica  
da sepultura da Quinta  
de S. Bento (Est. n.º 12)  
Fonte: César Guedes

Esta tipologia de sepultura também aparece associada a sepulturas não antropomórficas como acontece no caso das sepulturas das estações de Tapada do Abade, Quinta da Silveira, em Nogueiró e em Masseuras (Est. n.ºs 10, 11, 22, e 25, respetivamente).

As soluções apresentadas na zona da cabeceira das sepulturas antropomórficas são variadas. A maioria dos sepulcros apresenta a zona da cabeceira em arco ultrapassado, observando-se esta característica em 7 exemplares (Figura n.º 7). Os sepulcros cuja zona craniana se apresenta em arco de volta perfeita são em número de 3. Observam-se 4 sepulturas cuja cabeceira é de planta retangular e em outros 4 monumentos a planta é trapezoidal ou angulosa. A sepultura observada na Quinta de São Bento (Est. n.º 12) tem cabeceira de planta assimétrica (Figura n.º 8).

As sepulturas de planta trapezoidal são as mais numerosas e são também as que apresentam maior diversidade de soluções na zona da cabeceira. Dentro desta tipologia observam-se 5 soluções distintas para a zona da cabeceira: 5 monumentos apresentam cabeceira em arco ultrapassado (sep. 2, 3 e 10 da Est. n.º 1; sep. 8 da Est. n.º 10 e sep. 2 da Est. n.º 11), 2 têm planta retangular (sep. 4 da Est. n.º 1 e sep. 2 da Est. n.º 25), 4 são de configuração trapezoidal ou angulosa (sep. 16, 17, 18 e 19 da Est. N.º 1), 1 é assimétrica e outra é em arco de volta perfeita (Est. n.ºs 12 e 15, respetivamente).

Dentro das sepulturas de planta retangular 2 têm cabeceira retangular e 1 é em arco ultrapassado (sepulturas n.ºs 1, 21 e 22 da Est. n.º 1).

As sepulturas de planta ovalada apresentam cabeceira em arco de volta perfeita. São constituídas pela sepultura n.º 1 de Nogueiró (Est. n.º 22) e pela sepultura de Pedra Cavada/Salgueiral, cuja cabeceira tem a particularidade de ser dupla (Est. n.º 17).

Entre as 7 sepulturas indeterminadas, uma poderá apresentar cabeceira em arco ultrapassado. Trata-se da sepultura n.º 13 da igreja matriz de Sendim (Est. n.º 1) que se encontra quase integralmente destruída, subsistindo apenas a cabeceira.

**Tabela 1.** Planta das sepulturas antropomórficas e tipologias da zona da cabeceira

Planta	Cabeceira	N.º de sepulturas	N.º	Total
Retangular	Arco ultrapassado	1	3	25
	Retangular	2		
Trapezoidal	Arco ultrapassado	5	13	
	Retangular	2		
	Trapezoidal ou Angulosa	4		
	Assimétrica	1		
	Arco volta perfeita	1		
Ovalada	Arco de volta perfeita	2	2	
Indeterminada	Arco ultrapassado	1	7	
Indeterminada	Indeterminada	6		

Fonte: César Guedes

### 3.3. Sepulturas de indivíduos subadultos

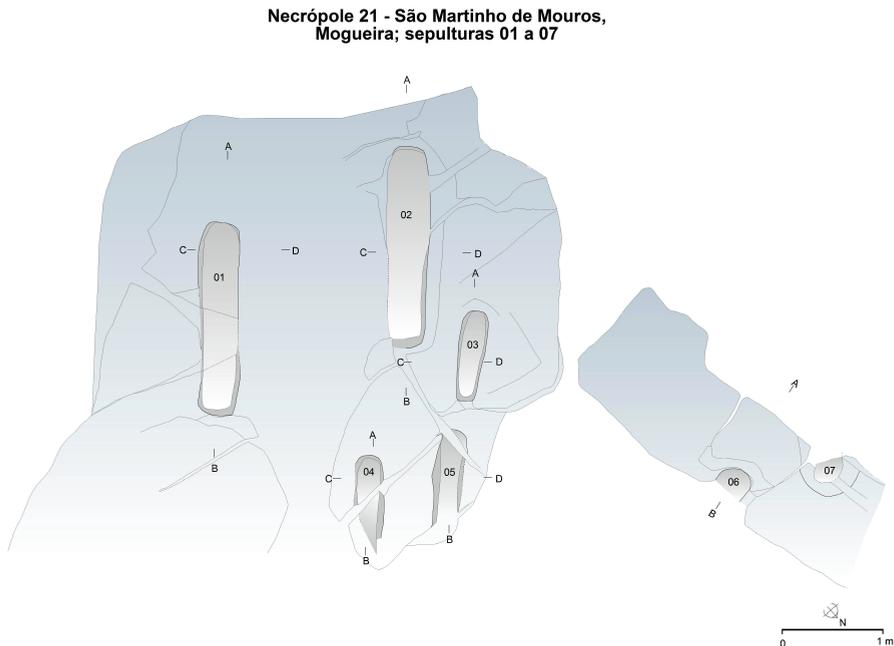
Entre o conjunto sepulcral observamos a existência de alguns monumentos que, pelo seu reduzido tamanho, terão sido criados para inumar indivíduos subadultos. Inventariaram-se 5 sepulturas desta tipologia distribuídas por apenas duas estações arqueológicas. Na necrópole da Mogueira, em S. Martinho de Mouros (Est. n.º 21; Figura n.º 4), identificaram-se 4 sepulcros e em Masseurias (Est. n.º 25) registou-se 1 sepultura desta tipologia.

As sepulturas têm configuração não antropomórfica, de planta ovalada, constituindo a única exceção o monumento n.º 8 da necrópole da Mogueira (Est. n.º 21) que, a confirmar que se trata de uma sepultura, tem planta trapezoidal.

A dimensão das sepulturas varia entre os 95 e os 114 cm de comprimento e a largura entre os 26 e 34 cm. A sepultura n.º 8 da Mogueira é a mais pequena, medindo apenas 60 cm de comprimento e 33 cm de largura. Se for uma sepultura, terá certamente acolhido um indivíduo recém-nascido.

A associação entre sepulcros de criança e sepulturas de adulto encontra-se patente em ambas as estações e, embora não possamos afirmar que se tratam claramente de núcleos familiares, esta ideia não pode, no estado atual de conhecimentos, ser posta de parte.

No caso da necrópole de Mogueira observa-se que 3 das 4 inumações se localizam no mesmo afloramento e respeitam a mesma orientação da sepultura de adulto. Para além disso, constata-se que elas se articulam entre si, encontrando-se as sepulturas n.ºs 3 e 5, claramente no mesmo alinhamento, e a sepultura n.º 4, dispondo-se à direita da sepultura n.º 5 e respeitando a mesma orientação (Fig. 9). A sepultura n.º 8 desta necrópole não se parece articular diretamente com as restantes, uma vez que, para além de se implantar num afloramento autónomo e apresentar dimensões mais reduzidas, tem planta diferente e não respeita a mesma orientação.



**Fig. 9.** Núcleo sepulcral da Mogueira representando as sepulturas de dois adultos e de três subadultos (Est. n.º 21)  
Fonte: Ana Maria Oliveira e César Guedes



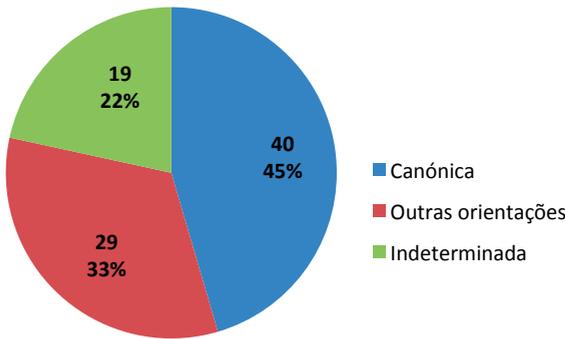
**Fig. 10.**  
Sepultura infantil de S. Cipriano  
(Est. n.º 25)  
Fonte: César Guedes

A sepultura infantil de Masseiras integra um núcleo de duas sepulturas que se implanta em penedos autónomos, mas a escassos metros de distância. A sepultura foi escavada num pequeno afloramento granítico, quase ao nível do solo, não se destacando na paisagem (Figura n.º 10). Por seu turno, a sepultura de adulto, de planta antropomórfica, implanta-se num bloco mais proeminente, localizado numa zona de maior impacto visual, tendo inclusive sido desbastado na lateral voltada ao caminho e aos campos agrícolas, para criar uma parede vertical e reforçar a sua presença.

A associação de uma sepultura de adulto, de planta antropomórfica, com uma sepultura infantil de planta ovalada, é interessante e poderá permitir levantar a hipótese de estarmos perante um pequeno núcleo familiar.

### 3.4. A orientação das sepulturas

No que concerne à orientação dos monumentos observa-se que a maioria apresenta uma orientação canónica, ou seja, alinhada de oeste para leste, com 40 exemplares; 29 monumentos apresentam outras orientações e em 19 sepulcros não foi possível determinar o seu alinhamento.

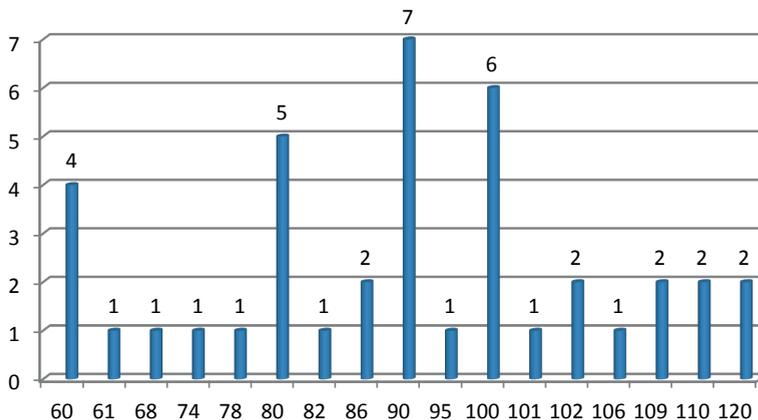


**Gráfico 1.**  
A diferente orientação das sepulturas e a sua distribuição percentual  
Fonte: César Guedes

A orientação canónica dos sepulcros prende-se com a tendência de alinhar o sepulcro sobre um o eixo direcionado de ocidente para oriente, de modo que a cabeça do defunto se enquadre com o nascer do sol, olhando-o de frente, pois será dessa direção que «se ha de producir la segunda venida de Cristo (Parusia), y el establecimiento de su reino»<sup>6</sup>.

Esta forma de alinhamento, sensivelmente orientada entre os pontos cardeais leste e oeste, poderá permitir inferir algumas observações quanto à época do ano em que foram abertos, podendo denunciar as estações em que a taxa de mortalidade seria mais elevada.

Assim, os monumentos cuja orientação se encontra desviada entre os 60° e os 120° do norte magnético integram este conjunto de sepulcros totalizando 40 monumentos. A abertura dos sepulcros terá sido realizada ao longo do ano solar integrando-se a grande parte nas variações entre os 80° e os 100°. Valores que



**Gráfico 2.**  
Variação em graus do alinhamento dos sepulcros com orientação canónica  
Fonte: César Guedes

<sup>6</sup> VIZCAÍNO SÁNCHEZ, 2007: 547-548.

correspondem a mais de metade dos sepulcros e coincidem, *grosso modo*, com a passagem do inverno para a primavera (fevereiro, março e abril) e do verão para o outono (agosto, setembro e outubro), alturas do ano possivelmente propensas a uma mais alta taxa de mortalidade.

De igual modo constata-se que a orientação canónica é comum tanto a monumentos de configuração não antropomórfica, patente em 19 exemplares, como às sepulturas de configuração antropomórfica, com 21 monumentos, quase todos localizados na necrópole da igreja matriz de Sendim (Est. n.º 1). As sepulturas desta estação encontram-se alinhadas e agrupadas, com tendência para uma orientação comum. Estas características, segundo Iñaki Martín Viso poderão permitir enquadrar este núcleo sepulcral numa paisagem hierarquizada em que há uma memória comunitária gerida por uma instância de poder que restringiu ou eliminou a capacidade de gestão da memória familiar<sup>7</sup>.

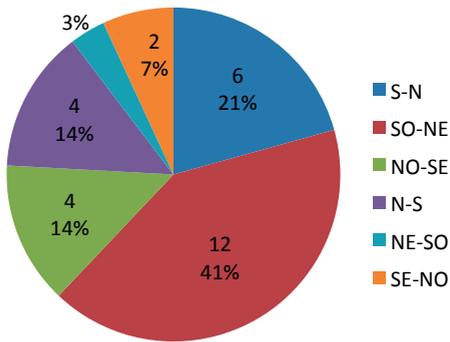
**Tabela 2.** Distribuição hipotética da abertura dos sepulcros ao longo do ano solar

	<b>Inverno (dezembro – março)</b>	<b>Equinócio da primavera (março)</b>	<b>Primavera (março – julho)</b>
<b>Graus</b>	120°– 90°	90°	90°– 60°
<b>N.º de sepulturas</b>	17	7	16
<b>Graus</b>	120°– 90°	90°	90°– 60°
	<b>Outono (setembro – dezembro)</b>	<b>Equinócio do outono (setembro)</b>	<b>Verão (julho – setembro)</b>

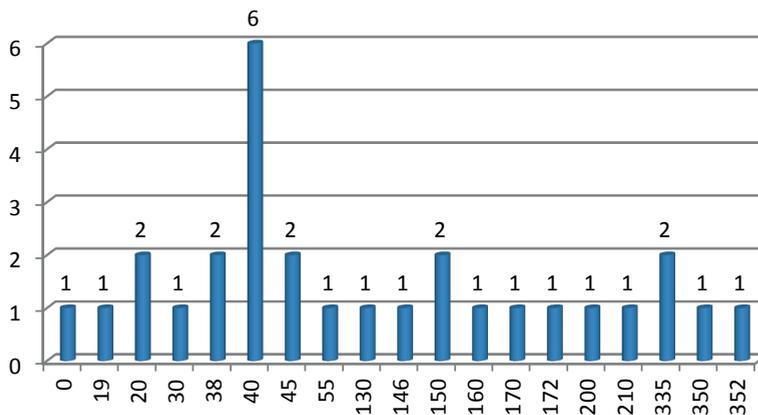
Fonte: César Guedes

As sepulturas que não seguem as orientações canónicas constituem 29 exemplares do total de sepulcros. Entre estes, observa-se que a grande maioria se encontra orientada de sudoeste para nordeste, com 12 exemplares cuja variação em graus se enquadra entre os 24,5° e os 60°. O segundo grupo mais numeroso é das sepulturas cujo alinhamento está entre o 337,5° e os 24,5° e as coloca de face voltada para o norte. Os sepulcros voltados a sul são apenas 4 e os que se encontram orientados de noroeste para sudeste são em igual número. Observam-se 2 sepulturas alinhadas de sudeste para noroeste e apenas 1 de nordeste para sudoeste.

<sup>7</sup> MARTÍN VISO, 2012: 172.



**Gráfico 3.**  
Orientação das sepulturas  
Fonte: César Guedes



**Gráfico 4.**  
Variação em graus do alinhamento dos sepulcros  
Fonte: César Guedes

#### 4. OS ESPAÇOS FUNERÁRIOS

Entre as diferentes propostas metodológicas para interpretar a organização do espaço funerário optou-se por agrupar as estações em três tipologias distintas: as que eram compostas exclusivamente por sepulturas isoladas, as de pequenos núcleos de 2 ou 3 sepulcros e os grupos constituídos por mais de três monumentos (Mapa 1).

Os dados recolhidos revelaram que as sepulturas se organizam em 6 necrópoles, 10 grupos de 2 ou 3 sepulturas e que 10 das sepulturas identificadas se encontram isoladas.

As sepulturas escavadas na rocha que se implantam isoladamente distribuem-se por 10 locais. São compostas por 5 monumentos de configuração não antropomórfica, 3 sepulturas antropomórficas e 2 sepulturas indeterminadas.

Os núcleos de 2 ou 3 sepulturas integram 10 estações arqueológicas compostas por 22 monumentos. Os grupos de 2 sepulturas são em maior número e distribuem-se por 8 locais. Apenas se observam associações de 3 sepulcros em duas estações: na Quinta de Passa Frio (Est. n.º 7) e na Quinta da Silveira (Est. n.º 11). A maioria dos sepulcros apresenta configuração não antropomórfica distribuindo-se por 8 estações

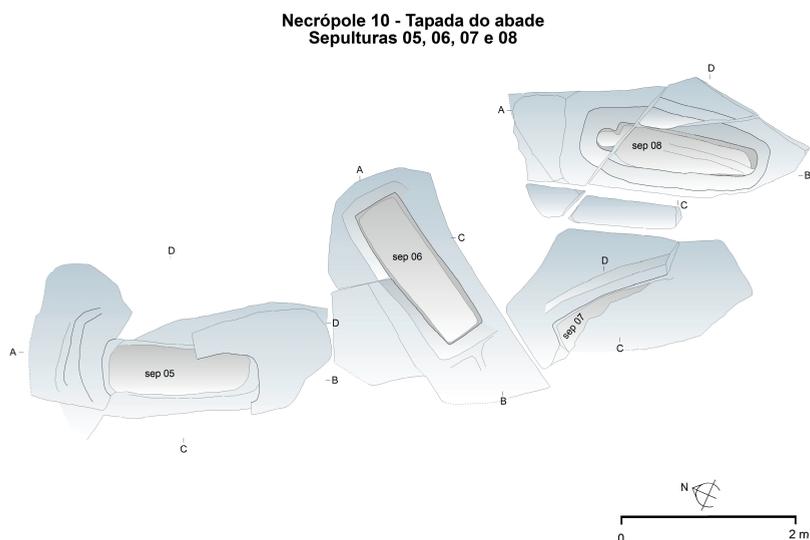
arqueológicas e contando com 14 exemplares. Os sepulcros de planta antropomórfica são 5 e distribuem-se por 5 estações. As sepulturas indeterminadas localizam-se na Quinta da Silveira (Est. n.º 11), na Quinta de S. Bento (Est. n.º 12) e no Bairro do Castelo, em Lamego (Est. n.º 19).

A coexistência de sepulturas de configuração antropomórfica com monumentos de planta geométrica só se observa em 3 locais: na Quinta da Silveira (Est. n.º 11), núcleo com três sepulturas; em Nogueiró (Est. n.º 22), núcleo de 2 sepulcros, e em Masseiras (Est. n.º 25), núcleo também de duas sepulturas.

As necrópoles são 6, um total de 23% das estações identificadas e são constituídas por 56 sepulturas, perfazendo 64% do total de monumentos.

A necrópole existente junto da igreja matriz de Sendim é a mais numerosa com 21 sepulcros de configuração antropomórfica (Est. n.º 1), seguindo-se as necrópoles da Tapada do Abade (Est. n.º 10), composta por 8 sepulturas de planta geométrica e 1 antropomórfica (Figura n.º 11), e a da Mogueira (Est. n.º 21), constituída por 9 sepulturas de planta não antropomórfica. A necrópole de Vale de Vila é composta por 8 sepulcros não antropomórficos (Est. n.º 2) e a de Baganhos é composta por cinco monumentos sem evidências de antropomorfismo (Est. n.º 4). A necrópole de Cabeço do Poio (Est. n.º 6) seria constituída por 4 sepulturas de configuração antropomórfica<sup>8</sup>.

A distribuição das diferentes tipologias de espaço funerário pelo território não é homogênea, sobretudo no que concerne às necrópoles, que se concentram no limite



**Fig. 11.** Necrópole da Tapada do Abade (Est. n.º 10). Coexistência entre sepulturas geométricas e antropomórficas  
Fonte: Ana Maria Oliveira e César Guedes

<sup>8</sup> CORREIA, 2007: 61.

sudeste da área de estudo, no vale do rio Távora, junto de Sendim. Os núcleos de 2 ou 3 sepulturas existem por toda a região, com exceção para as encostas voltadas ao Douro, na zona nordeste, onde não existe nenhum exemplar. As sepulturas isoladas distribuem-se pelas franjas da área de estudo, ocupando zonas de relevo muito acidentado no limite oeste do território, coincidente com a serra das Meadas e a de Santa Helena, e em áreas mais planas nas zonas de Tarouca e Tabuaço e em torno de Sendim.

A análise da organização do espaço funerário nesta região permitiu aferir que as estações constituídas pelos núcleos de monumentos isolados e de 2/3 sepulturas são as mais numerosas e correspondem a 77% do total de estações, seguindo em linha com que se pode observar para as outras regiões de Portugal<sup>9</sup>. Este fenómeno é transversal a toda a Europa Ocidental, podendo até afirmar-se que constitui o tipo de espaço funerário predominante a partir dos séculos VII-VIII<sup>10</sup>.

## 5. OS MONUMENTOS E A SUA RELAÇÃO COM A PAISAGEM

As manifestações funerárias constituem uma importante fonte de informações que podem permitir antever, não só os pressupostos mentais subjacentes às populações que as produziram, mas também inferir evidências da sua organização social e administrativa. Neste sentido procurou-se articular os núcleos de sepulturas com os elementos estruturadores e polarizadores do povoamento: as áreas residenciais, os locais de culto e os centros de poder, *civitates* ou outros locais centrais fortificados.

A identificação das áreas de residência das populações que criaram e utilizaram as sepulturas levanta algumas dificuldades. Apesar de frequentemente se observarem vestígios arqueológicos de superfície nas imediações destes espaços sepulcrais, as dificuldades sentidas na atribuição de uma funcionalidade habitacional, ou na definição de um âmbito cronológico mais restrito para estes elementos, são inúmeras. De facto, as leituras provenientes da análise de materiais cerâmicos de superfície, sobretudo da existência de fragmentos de *tegulae*, devem ser encaradas com muita cautela pois, como refere Mário Barroca, a produção de telha plana terá sobrevivido no Entre Douro e Minho até ao século XI<sup>11</sup>. Para além disso, a existência de materiais de cronologia inequivocamente romana nas proximidades de sepulcros rupetres não invalida a existência de uma ocupação alto-medieval naquele local. Muito pelo contrário, apenas a reforça, uma vez que se anteriormente o sítio era favorável ao assentamento de comunidades e à exploração agropecuária, também o seria em

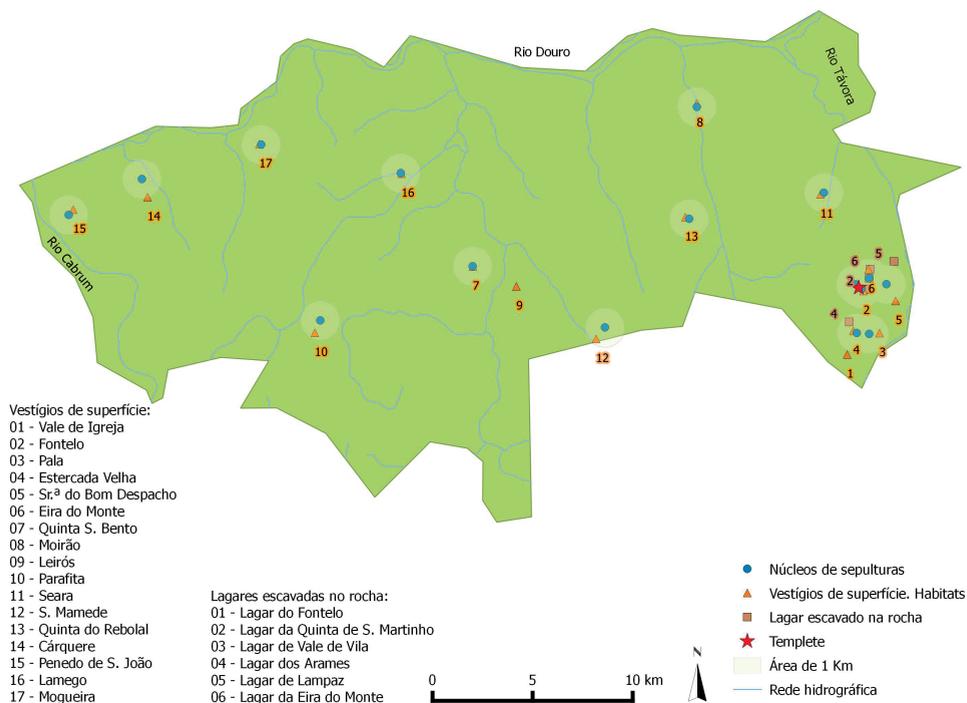
<sup>9</sup> GUEDES, 2015: 40.

<sup>10</sup> MARTÍN VISO, 2014: 104.

<sup>11</sup> BARROCA, 1987: 59.

época alto-medieval, não se devendo excluir a possibilidade de se observarem reaproveitamentos de materiais cerâmicos ou líticos<sup>12</sup>.

A relação entre sepulturas escavadas na rocha e vestígios de elementos de *habitat* encontra-se presente em 17 locais, sendo de destacar o caso de Sendim onde se concentram 4 das 6 necrópoles identificadas (Mapa 3). Este conjunto de 40 monumentos corresponde a cerca de 45% do total de sepulturas identificadas. Na envolvente a estes espaços funerários as prospeções arqueológicas permitiram elencar dois prováveis casais, duas *villae*, um importante e extenso *vicus* (Fontelo) e vários lagares escavados na rocha<sup>13</sup>. O caso da Necrópole da Mogueira (Est. n.º 21) é também paradigmático apresentando importantes vestígios de um *habitat* constituído por inúmeras estruturas em negativo escavadas no afloramento granítico. A importância dos vestígios militares e de *habitat* desta estação arqueológica já haviam sido destacados por Mário Barroca e foram recentemente confirmados pela intervenção arqueológica realizada por Maria João Santos que atribui aos vestígios de *habitat* uma cronologia «entre los siglos IX y X»<sup>14</sup>.



**Mapa 3.** Mapa com a articulação entre os sepulcros rupestres e os vestígios de *habitat*

Fonte: César Guedes

<sup>12</sup> ALARCÃO, 1990: 378.

<sup>13</sup> PERPÉTUO *et al.*, 1999: 175-245.

<sup>14</sup> BARROCA, 1990-1991: 103, 110-111; SANTOS, 2012: 490.

A articulação das sepulturas com as vias e os caminhos também apresenta algumas dificuldades que se prendem sobretudo com a cronologia das vias. Verifica-se a existência de 8 estações nas proximidades de caminhos ou vias, porém em nenhum dos casos onde esta situação ocorre se pode afirmar com segurança tratarem-se de vestígios cronologicamente coevos, ou até de utilização contemporânea.

A associação entre sepulturas e locais de culto verifica-se em 8 locais (Mapa 4). Em variadas situações é possível observar que as sepulturas são anteriores aos templos e, nestes casos, poder-se-á estar perante uma amortização da sacralidade do espaço materializada na construção de um local de culto. Poderá ser este o caso das sepulturas de Nossa Senhora da Esperança (Est. n.º 23), localizadas junto de uma capela cuja inscrição no portal lhe atribui a data de 1609, e das sepulturas de Vila Chã da Beira (Est. n.º 13) próximas da capela de S. Pedro. O túmulo da Quinta de S. Bento (Est. n.º 12) poderá também corresponder a um destes casos, no entanto a destruição e transladação da capela de Santa Luzia para a casa da quinta não permite aferir esta condição.

As situações onde é possível observar que as sepulturas escavadas na rocha são contemporâneas ou posteriores aos templos, constituindo casos de tumulação *apud ecclesia* não se verificam inequivocamente nesta área. Apenas a necrópole de Sendim (Est. n.º 1) e as sepulturas do Bairro do Castelo (Est. n.º 19) poderiam eventualmente integrar esta tipologia. No primeiro caso a igreja sofreu profundas obras não sendo possível confirmar esta situação, porém é certo que o templo já existiria na segunda metade do século XII, sendo referido no Censual do Cabido de Lamego<sup>15</sup>. No caso das sepulturas do Bairro do Castelo, os resultados da intervenção arqueológica poderão confirmar se as sepulturas identificadas se enquadram com a desaparecida igreja de S. Salvador, constituindo assim, de facto, sepulturas *tumulatio apud ecclesia*<sup>16</sup>.

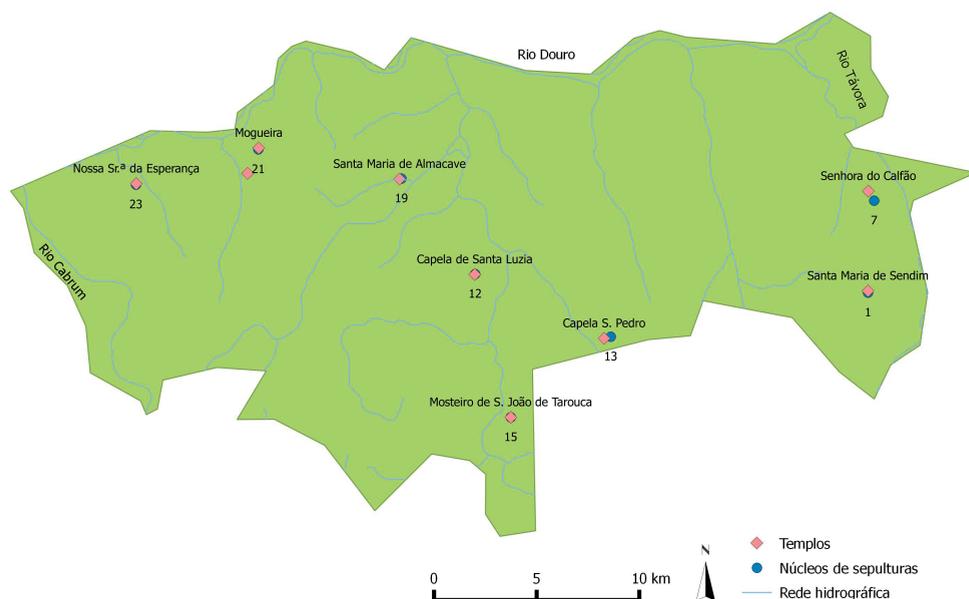
Os sepulcros da Quinta de Passa Frio (Est. n.º 7) e da Mogueira (Est. n.º 21) parecem corresponder a situações em que os espaços funerários se articulam com os espaços cultuais, mas que não constituem verdadeiramente sepulturas *tumulatio apud ecclesia*, sendo anteriores à constituição da rede paroquial. No primeiro caso, a igreja localizar-se-ia junto de um povoado fortificado, hoje conhecido por Senhora do Calfão, e teria sido fundada no século XI<sup>17</sup>. Em S. Martinho de Mouros, a existência de um templo não está confirmada, mas Ricardo Teixeira observou a existência de alguns alinhamentos do que supõe «poder tratar-se dos vestígios do templo que serviria o povoado e ao qual as sepulturas estariam associadas»<sup>18</sup>. A existência de um templo neste local remontaria certamente a época pré-românica, tendo posteriormente

<sup>15</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, s.v. *Sendim*, vol. XXVIII: 268.

<sup>16</sup> ARQUEOLOGIA, PATRIMÓNIO, [s.d.].

<sup>17</sup> COSTA, 1979: 192.

<sup>18</sup> TEIXEIRA, 2001: 471.



**Mapa 4.** Mapa representando a articulação entre as sepulturas e os templos

Fonte: César Guedes

tido substituído pela igreja de traça românica atualmente existente em S. Martinho de Mouros e que terá sido construída demoradamente entre os séculos XII e XIII<sup>19</sup>.

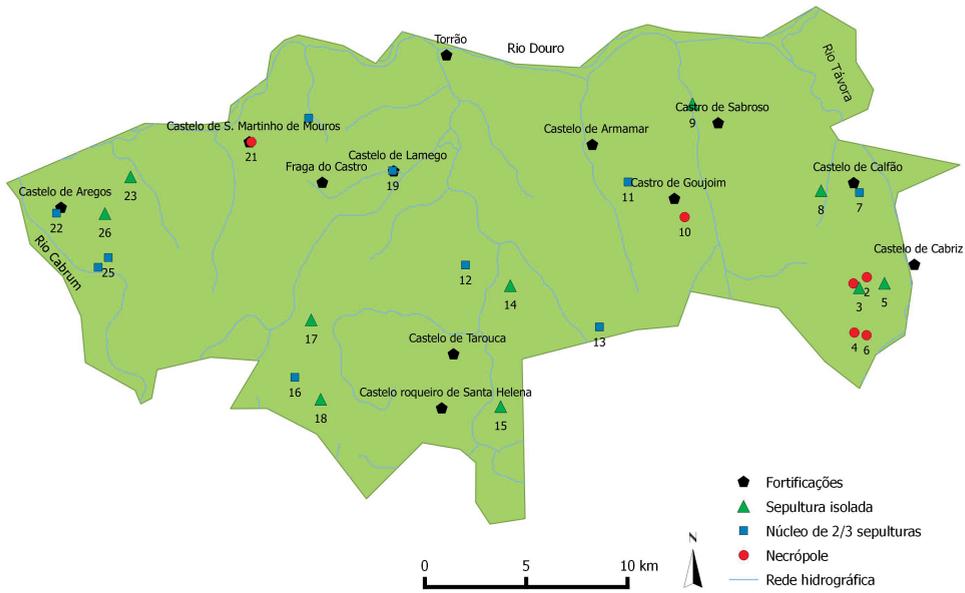
A ligação entre os sepulcros e centros de poder, sejam *civitates* ou outros locais centrais fortificados, como os castros ou os castelos, constitui uma importante pista para a compreensão da evolução da organização administrativa do território (Mapa 5).

Esta região integrar-se-ia dentro da influência da *civitas* de Lamego, cujos limites se desconhecem, mas que muito provavelmente confrontariam a ocidente e a sudoeste com a *civitas* de Anegia e de Santa Maria e a sul com a *civitas* de Viseu.

A totalidade de estruturas fortificadas que se encontravam sob o domínio desta *civitates* é ainda desconhecida. Poderiam corresponder a simples reconversões ou reocupações de antigos locais fortificados que remontavam à Idade do Ferro e ao período Romano, ou poderiam tratar-se de «novas» construções, muitas delas da iniciativa das populações locais<sup>20</sup>. Este fenómeno, designado de incastelamento, não está ainda devidamente esclarecido para esta área geográfica e apenas prospeções orientadas para a identificação destes primeiros castelos roqueiros poderão trazer alguma luz sobre a organização militar desta região entre os séculos VIII e XII.

<sup>19</sup> ALMEIDA, 2001: 128.

<sup>20</sup> BARROCA, 2004: 183; 1990-1991: 91.



**Mapa 5.** Representação da articulação entre os sepulcros rupestres e as fortificações

Fonte: César Guedes

Entre as fortificações mais rudimentares, que aproveitaram estruturas pré-existentes, existem referências a vestígios de época medieval no Castelo de Sabroso<sup>21</sup>, no Povoado da Senhora do Calfão<sup>22</sup> e, apesar de não haver notícias, é provável que o Castelo de Goujoim (Est. n.º 10) e o núcleo sepulcral de Giralda (Est. n.º 16) possam também constituir um destes exemplos.

Entre os castelos roqueiros temos notícias da existência de 6 destas estruturas. O Castelo de Cabriz em Tabuaço<sup>23</sup>; o castelo roqueiro de Santa Helena, em Tarouca<sup>24</sup>; a Fraga do Castro, em Lamego<sup>25</sup>, e sobranceiro à foz do rio Varosa implantar-se-ia o povoado fortificado de Torrão<sup>26</sup>. O Castelo da Mogueira (Est. n.º 21) também conhecido por castelo de S. Martinho de Mouros localiza-se na vertente oeste da serra das Meadas e a sua importância no decorrer do processo da Reconquista Cristã é inegável. Este castelo após a desagregação das *civitates*, deixará de ser um castelo roqueiro para passar a encabeçar a *terra* de S. Martinho de Mouros. O local conhecido por Penedo de S. João, localizado na freguesia de Freigil (Resende) e com amplo domínio

<sup>21</sup> PERPÉTUO *et al.*, 1999: 78-79.

<sup>22</sup> PERPÉTUO *et al.*, 1999: 266.

<sup>23</sup> PERPÉTUO *et al.*, 1999: 211-213.

<sup>24</sup> Portal do Arqueólogo, CNS 22206.

<sup>25</sup> Portal do Arqueólogo, CNS 31846.

<sup>26</sup> Portal do Arqueólogo, CNS 13962.

visual sobre o rio Douro, constitui, segundo António Lima, a provável localização do Castelo de Aregos<sup>27</sup>.

Após a desagregação da *civitas* de Lamego e integrados numa organização administrativa de *terras*, os castelos de Armamar, Lamego, Tarouca, S. Martinho de Mouros e o Castelo de Aregos são as estruturas militares conhecidas para esta região.

A relação espacial entre os sepulcros escavados na rocha e estas estruturas fortificadas de características defensivas apenas se observa em 4 locais distintos. Na necrópole de Passa Frio (Est. n.º 7), localizada nas proximidades do castelo de Calvão; nas sepulturas do Bairro do Castelo (Est. n.º 19); no castro da Mogueira, em S. Martinho de Mouros (Est. n.º 21) e nas sepulturas de Nogueiró, nas proximidades do Penedo de S. João ou Castelo de Aregos. Estes espaços sepulcrais localizam-se a uma distância inferior a 1 km das fortificações e, nos casos do Bairro do Castelo e das sepulturas de Mogueira, encontram-se espacialmente associadas às fortificações implantando-se junto de templos e áreas residenciais.

## 6. AS LEITURAS POSSÍVEIS DE UM TERRITÓRIO A SUL DO DOURO

As leituras que se podem fazer deste espaço montanhoso encaixado entre os rios Távora, Douro e Cabrum são ainda muito incipientes. Seriam necessários trabalhos intensivos de prospeção arqueológica, seguidos de um programa de escavações arqueológicas abrangentes que permitissem analisar com outro grau de pormenor a relação entre os sepulcros rupestres e a paisagem humanizada, procurando definir matrizes de assentamento e observar as suas linhas evolutivas.

A paisagem funerária desta região é composta sobretudo por monumentos isolados ou núcleos de 2 ou 3 sepulcros, tal como acontece em outras áreas do país, sendo um fenómeno transversal a toda a Europa Ocidental a partir dos séculos VII-VIII.

A dispersão destes pequenos núcleos de sepulturas poderá significar um povoamento disperso, assente em pequenos casais agrícolas implantados em zonas de solos de fraca produtividade e promovendo uma agricultura de subsistência, mais assente na pastorícia do que na produção hortícola.

Este facto parece sobressair quando se constata que das 26 sepulturas inventariadas, 11 se localizam perto de vestígios de *habitats*, 8 se implantam nas proximidades de caminhos, 6 se articulam com espaços de culto ou templos e que 4 se localizam perto de povoados fortificados ou estruturas defensivas.

Os espaços sepulcrais compostos por mais de 3 sepulturas concentram-se quase exclusivamente no limite sudoeste do território, na zona fértil do vale do rio Távora,

---

<sup>27</sup> LIMA, 1993: 249.

ou junto de *habitats* medievais como acontece no caso de S. Martinho de Mouros e eventualmente na Tapada do Abade, em Goujoim.

Nas zonas mais férteis junto dos vales, onde os terrenos são de maior dimensão e permitiriam uma agricultura mais intensiva, com exceção da região de Sendim, observam-se poucos exemplares de sepulcros escavados na rocha. Querirá isto significar que as elites que dominavam os espaços agrícolas mais amplos e produtivos terão optado por receber outro tipo de sepultura? Ou estariam estes amplos espaços, que em época romana e tardo-antiga foram intensamente explorados, em estado de semiabandono?

Uma das respostas a esta questão poderá relacionar-se com o ambiente de insegurança vivido no século VIII, provocado pelo avanço das tropas muçulmanas e o recuo das linhas de fronteira para o norte da península. Esta situação terá obrigado à retirada dos principais quadros civis e religiosos deixando as regiões desgobernadas civil e eclesiasticamente. A fixação do bispo de Lamego em *Iria Flavia* (Padrón), durante o reinado de Afonso I das Astúrias parece corroborar esta retirada<sup>28</sup>.

Face a esta realidade as populações terão novamente procurado refúgio nas terras altas e inóspitas, reocupando e recuperando muitas das antigas fortificações, tal como havia já acontecido no decorrer do século V e VI<sup>29</sup>.

A instabilidade e insegurança sentida nesta região prolongar-se-á durante o reinado de Afonso III das Astúrias (866-909) e ter-se-á intensificado quando, após a criação das *civitates* de Anégia e Santa Maria, que, nas palavras de Mário Barroca, garantia à coroa asturiana «a defesa da margem Norte e Sul do curso terminal do Douro, desde a zona de Baião até à Foz», a transformou num espaço de fronteira<sup>30</sup>. Esta situação manter-se-á até meados do século XI, quando as campanhas de Fernando o Magno, na região da Beira, permitiram tomar, entre outros, os castelos de Lamego e S. Martinho de Mouros, em 1057 e 1058, respetivamente, e preparar o caminho para a conquista definitiva de Coimbra, o que viria a ocorrer em 1064.

A conquista definitiva do território e a reorganização administrativa e possivelmente eclesiástica que seguramente lhe sucedeu terá trazido a estabilidade necessária a esta região para que uma centúria depois se assista à fundação de dois grandes mosteiros cistercienses, S. João de Tarouca e Santa Maria de Salzedas, no fértil vale do Varosa.

<sup>28</sup> BARROCA, 2003: 22.

<sup>29</sup> BARROCA, 1990-1991: 91.

<sup>30</sup> BARROCA, 1990-1991: 92.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo e análise das sepulturas escavadas na rocha reveste-se de grande importância para a compreensão da transição entre o mundo funerário tardo-antigo e a organização da sociedade em paróquias, característica do mundo medieval e feudal.

Este período de tempo encontra-se repleto de acontecimentos que alteraram a organização social e religiosa então vigentes e contribuíram para profundas mudanças culturais e mentais. Estas alterações refletiram-se nas formas de ocupar e explorar o território e, necessariamente, nos espaços funerários.

Algumas das questões que se colocam quando se aborda o estudo das sepulturas rupestres incidem sobre a cronologia dos monumentos, sua tipologia e de que forma é que é possível, a partir da sua localização, inferir modelos de ocupação e exploração do território. Todas estas questões estão interligadas e são indissociáveis.

A tipologia das sepulturas e a sua cronologia, nomeadamente a discussão sobre a anterioridade dos túmulos de configuração não antropomórfica em relação aos antropomórficos, continua ainda a gerar opiniões divergentes entre os investigadores. As leituras que se apresentam podem contribuir para esta discussão com algumas perspetivas que passamos a destacar.

Desde logo se observa que a maioria das sepulturas apresenta configuração não antropomórfica e que se dispersa pelo território em pequenos núcleos funerários deixando antever um povoamento disperso. Por outro lado, as sepulturas antropomórficas, se não se considerar as necrópoles da igreja matriz de Sendim, do Cabeço do Poio e as sepulturas do Bairro do Castelo, constituem um número residual de sepulcros que também se dispersam pelo território, coexistindo em 4 estações com sepulturas de planta geométrica. Este facto, *per se*, apesar de não significar uma relação de contemporaneidade entre os monumentos poderia reforçar esta perspetiva. Porém, ao incluir-se na análise as sepulturas das 3 necrópoles supracitadas, sobretudo a da igreja matriz de Sendim, em que os túmulos se encontram alinhados e agrupados com tendência para a orientação comum, e que alguns autores integram numa paisagem hierarquizada, em que há uma memória comunitária gerida por uma instância de poder, permitirá a associar estes sepulcros a uma fase posterior. Significando que estes locais, e consequentemente os sepulcros que os compõem, teriam sido construídos e utilizados numa altura em que o território já se encontrava devidamente estruturado e nuclearizado em torno de um espaço de poder, que neste caso concreto, poderia muito bem ser a paróquia de Santa Maria de Sendim referida na documentação desde o século XII.

Para além disso, a análise do conjunto sepulcral existente em torno de Sendim revela que as necrópoles de sepulcros exclusivamente não antropomórficos se implantam nas zonas baixas, próximas das áreas agrícolas mais férteis e onde são abundantes

os vestígios ocupacionais de casais e *villae*. Quererá isto significar que nos finais do século VII e inícios do século VIII, as populações exploravam o território a partir de um modelo próximo ao romano e tardo-antigo, habitando em casais e *villae*, ainda que de forma dispersa, junto do *ager*? Será que as movimentações militares relacionadas com a chegada das forças muçulmanas e o clima de instabilidade obrigou as populações a procurar refúgio nas zonas mais altas, dispersando-se e reocupando os povoados fortificados de épocas anteriores?

Esta última leitura parece sair reforçada ao constatar-se que nesta região se observam relações de proximidade entre vários núcleos de sepulturas e povoados fortificados que remontam a épocas proto-históricas ou romanas e com estruturas defensivas roqueiras. Entre estas situações destaca-se o caso de S. Martinho de Mouros e da necrópole da Mogueira, estação que constitui um importante exemplo de povoado alto-medieval, em que a fortificação militar, o espaço habitacional, possivelmente a área de culto e o espaço funerário, coexistem no mesmo espaço, constituindo um raro exemplo no panorama das estações alto-mediélicas portuguesas.

A análise desta estação permite algumas leituras que podem reforçar as ideias constatadas e a enunciadas nos parágrafos anteriores.

A necrópole é inteiramente constituída por sepulcros não antropomórficos que se implantam no sopé de um castelo roqueiro. As referências documentais sobre a relação do Castelo de S. Martinho de Mouros com as movimentações do período da Reconquista Cristã remetem para o século XI e para épocas anteriores. Há notícia da conquista desta estrutura defensiva em 1058, e sabe-se que sofreu obras de melhoramentos no último quartel do século XI, logo após a conquista definitiva de Coimbra em 1064, que afastou definitivamente a fronteira para o vale do rio Mondego. Terá sido a partir de então que o castelo passou a ter uma posição estratégica periférica tendo as populações progressivamente abandonado este *habitat* e procurado estabelecer-se junto das áreas mais férteis. Não será de estranhar, portanto, que na centúria seguinte haja notícias da construção da atual igreja românica, provavelmente iniciada por volta de 1217, numa encosta menos acidentada, aberta para o vale e dominando os campos agrícolas.

Estas perspectivas sobre a cronologia dos monumentos e sobre as modificações verificadas na organização do povoamento referem-se exclusivamente a esta área. Certamente que outras regiões, fruto dos seus condicionalismos específicos, poderão permitir leituras distintas. Apenas quando existir um conjunto mais amplo de levantamentos dos sepulcros rupestres e da sua integração num contexto paisagístico é que se poderá ambicionar obter uma leitura mais fidedigna da Alta Idade Média e do período da Reconquista.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1990). *O domínio romano*. In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira, dir. *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, vol. I, pp. 343-489. Vol. I: *Portugal das origens à romanização*.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (2001). *História da Arte em Portugal – O Românico*. Lisboa: Editorial Presença.
- ARQUEOLOGIA & PATRIMÓNIO [s.d.]. *Trabalhos Arqueológicos, Bairro do Castelo*, Programa Viver Lamego, Valorização e Integração Urbana do Centro Histórico, Lamego, Câmara Municipal de Lamego. Brochura disponível em <<http://www.viverlamego.com>>.
- BARROCA, Mário Jorge (1987). *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- BARROCA, Mário Jorge (1990-1991). *Do castelo da reconquista ao castelo românico (Séc. IX a XII)*. «Portvgalia». Nova Série. 11-12, 89-136.
- BARROCA, Mário Jorge (2003). *Da reconquista a D. Dinis*. In MATTOSO, José, coord. *Nova História Militar de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 1, pp. 22-161.
- BARROCA, Mário Jorge (2004). *Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (Séc. IX a XI)*. «Portvgalia». Nova Série. 25, 181-203.
- BOLÓS MASCLANS, Jordi; PAGÈS PARETAS, Montserrat (1982). *Les sepultures excavades a la roca*. In RIU, Manuel, dir. *Necropolis i sepultures medievals de Catalunya*. Barcelona: Departament d'Historia Medieval, pp. 59-103.
- CORREIA, Alberto (2007). *Tabuaço. Roteiro turístico*. Viseu: Câmara Municipal de Tabuaço.
- COSTA, M. Gonçalves da (1979). *História do bispado e cidade de Lamego. Idade Média: Paróquias e Conventos*. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, vol. II.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA – s.v. *Sendim*, Vol. XXVIII. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda, pp. 267-269.
- GUEDES, César (2015). *A sul do Douro: percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- LIMA, António (1993). *Castelos Medievais do Curso Terminal do Douro (Séc. IX -XII)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2005-2006). *Después del “final” de las Villae entre el miño y el Duero (ss. VII-X): Comunidades “fructuosianas”, hábitat rupestre y “aldeas”*. «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología». 31-32, 219-245.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012). *Enterramientos, memoria social y paisaje en la alta edad media: propuestas para un análisis de las tumbas escavadas en roca en el centro oeste de la Península Ibérica*. «Zephyrus». 69, 165-187.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2014). *El espacio del más acá: las geografías funerarias entre la Alta y la Plena Edad Media*. In LÓPEZ OJEDA, Esther, coord. *De la tierra al cielo. Ubi sunt qui ante nos in hoc mundo fuere?* Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, pp. 75-140.
- PERPÉTUO, João et al. (1999). *Tabuaço. Um passado presente*. Tabuaço: Câmara Municipal de Tabuaço.
- PORTAL DO ARQUEÓLOGO. Disponível em <<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>>
- SANTOS, Carla (2011). *Corte e remoção da vegetação arbustiva na necrópole da Tapada do Abade (Armamar-Viseu) – Acompanhamento Arqueológico*, Viseu: Arqueohoje Lda.
- SANTOS, Maria João Correia dos (2012). *La arqueología, lo imaginario y lo real. El santuario rupestre de Mogueira (São Martinho de Mouros)*. «Madrider Mitteilungen». 53, 455-496.
- SILVA, Eduardo; MEDEIROS, Maria; CORREIA, Alexandre (1997). *Carta Arqueológica do Concelho de Resende*. Resende: Câmara Municipal de Resende.

- TEIXEIRA, Ricardo (2001). *Castelos e Organização dos territórios nas duas margens do Douro (Séculos IX-XIV)*. In FERNANDES, Isabel, coord. *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 463-476.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, Jaime (2007). *Introducción. El estudio del mundo funerário tardoantiguo en el área Hispana: ¿Bizantinos, Visigodos o Hispanorromanos?. La presencia bizantina en Hispania (siglos VI-VII). La documentación arqueológica. «Antigüedad y Cristianismo: Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía»*. XXIV, 535-596.

